

maio 77

CEDI - P.I.B.
DATA 10/09/86
COD. KV 005

KULINA - ALTO RIO PURUS

Noroldino Crivinel

1. Histórico

A faixa de terra das margens direita e esquerda do rio Purus, que fica entre um pouco acima da confluência do rio Iamo com o rio Purus e o igarapé Santa Rosa, divisa do Brasil com o Peru, foi ocupada e explorada por diversos grupos indígenas.

O primeiro registro que conseguimos, datado do ano de 1866, aponta os Maniteneris como seus ocupantes, (1) tendo Chandles encontrado na confluência do atual rio Chandles, índios Maniteneris que desciam paraapanhar bananas em suas roças velhas abaixo de referido local e coletar ovos de Tracajá nos bancos da área.

No final do século XIX, os indígenas que ocupavam esta área, eram já os Ketianas; como podemos ver, no trecho a seguir, retirando os trabalhos de Castelo Branco, J. Gentio Acreano, ... "sendo contrários a essa pacatez as informações sobre os elementos indígenas de outras malocas, como a dos Ketianas nos seringais de Santa Cruz e próximas à Boca do Chandles, os quais se mostravam agressivos, pelo que tiveram que ser batidos por um dos maiores exploradores destes sertões, o capitão Locomel Antônio do Sacramento". (2).

Quando do fim da ocupação Maniteneri e Ketiana da referida área, não conseguimos nenhum registro. Sabemos entretanto que a ocupação da mesma e/ou sua proximidade pelo Kulina é mais recente e data dos anos trinta do atual século e Schultz e Chiara encontraram-no residindo nos locais, na bacia do alto Purus, no ano de 1951: seringal Tabajara, no rio Chandles; igarapé (rio) Santa Rosa, seringal Fronteira, margem direita do rio Purus; igarapé Cuchucha, no rio Chandles sendo estes vindos do seringal Carolina. Esclarecemos que a área do seringal Carolina abrange a da aldeia,

(datas: 28/3 - 5/4/99)

Maronaua atual.

Antes de radicarem-se na área pré-citada, no rio Purus; os Kulina habitavam diversos locais na bacia do rio Juruá e ao que acreditamos são dela procedentes.

Em relatório enviado ao Ministro do Interior, no segundo semestre de 1905, pelo então Prefeito do Alto Juruá, Gregório Taumaturgo de Azevedo, os Kulina são apontados como residindo às margens dos rios: Acurauá, Kuru, Alto Envira e Paraná do Ouro, todos estes, na bacia do Juruá. C. Tastevin, em um trabalho publicado em 1925, embora não cite os mesmos locais apontados por Taumaturgo, concorda com ele, no seguinte texto: "Les Kurina itaient les huitres incontestés de la rive gauche du Murú et de la rive droite du Haut Taracuacá, quand les seringueiros apparurent. (5).

Diversos autores que escreveram sobre o atual Estado do Acre, confirmam a presença dos Kulina na bacia do Juruá, tendo alguns citados a presença de Kulina no rio Gregório.

Acreditamos, com as citações acima, que deixamos claro, que a bacia do alto Purus, em todos os tempos, uma área de domínio, administração e habitat indígena, o que, para o propósito desse relatório - criação da área indígena - é de capital importância.

A ocupação da bacia do Alto Rio Purus, pelos nacionais é relativamente recente. "Aíis foram os verdadeiros descobridores da zona em que se acha encerrado o território do Acre: Manoel Urbano da Encarnação e João da Cunha Correia. O primeiro cingiu-se ao vale do Purus, fundou povoações e penetrou nos afluentes Aquiri (Acre) Hyndat (Iaco) Aracá (Chandico) e Ituxi ou Iquiri, correspondentes aos principais rios que banham a Acreânia, tudo isso em procura de uma comunicação ou passagem da bacia puruense para a madeireira, a maturinha da zona das amoreiras, com finalidade de facilitar a condução do gado da Bolívia e o comércio entre esse país e Mato Grosso e o Amazonas". (6). Evidenciamos que a atuação de Manoel

Urbano na área do Purus é de 1861.

Onze anos depois, em 1872, Antônio Rodrigues Pereira Labro, em um artigo sobre o nome "Rio-Purus Notícias", (7) é quem primeiro escreve, com fim de orientar e chamar a atenção para a necessidade do povoamento da bacia do Alto Rio Purus, e fim de explorar as grandes riquezas naturais da área.

Os primeiros atritos entre os exploradores nacionais e os indígenas, nesta área é, como vimos na citação 2, do final do século XIX, período em que se iniciava a expulsão dos indígenas para instalação dos seringais.

Os atritos mais violentos entretanto iniciam-se após o início do atual século, momento em que a borracha passava a ter maior valor e maior procura.

Deste período em diante, a situação dos grupos indígenas se deteriora e submetidos a todos os tipos de maltratos, muitos deles se extinguem ou se restringem a tão poucos membros que fazem novas alianças e mudam-se de seus habitantes para zonas ainda inatingidas pelos seringueiros.

O Prefeito do Alto Purus, em relatório datado de 1906 é que melhor nos mostra o porquê de os indígenas abandonarem seus territórios e como os seringais conseguiram implantarem-se nesta área em que ora procuramos, dela autorgar parte, a quem de direito.

"O sistema de catequese dos primeiros ocupantes, contrariando-lhes a índole e obrigando-os ao serviço da caça e pesca, no que revelam extraordinária habilidade, e as Índias nos trabalhos domésticos e outros inconfessáveis, forçou-os a abandonar sus malocas, à beira dos rios, em grande para o processo das matas, onde seriam livres, originando-se desses métodos de tratamento, lutas e represálias tremendas. Atacadas pela bala dos rifles defendiam caroamente sua liberdade, contra o jugo selvagem do homem que os dizia civilizado. Organizaram-se verdadeiras caçadas humanas, reunin-

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

do grupos de brancos para os matarem, e não raro, após sangrentos combates, sempre em desvantagem para os índios, regressando às suas barracas os pretendidos civilizados e conquistadores, trazendo à guisa de troféus, os índios menores e moças, deixando estendidos no solo, mortos ou feridos, os indivíduos do sexo masculino da tribo, vítimas da cobiça e libidinagem" (8).

2. Identificação, localização a vias de acesso

- a) Grupo Indígena: Kulina, tronco lingüístico Aruak;
- b) Povoado Indígena: Alto Purus;
- c) Nome da aldeia: Aldeia Santo Amaro;
- d) Ajudâncio do Acre, 8ª DR, Município de Manoel Urbano, Estado do Acre.

Manoel Urbano, sede municipal, é o centro urbano mais próximo e mais fácil de ser alcançado, por via fluvial, gastando-se aproximadamente dois dias, rio abaixo, utilizando-se bárge a motor. Não conta neste centro entretanto, com nenhuma condição de atendimento em casos de saúde, hospedagem, alimentação ou mesmo combustíveis. Há entretanto um pequeno campo do pousio. O outro centro mais próximo e que conta com algumas facilidades é Sena Madureira. De Manoel Urbano a Sena gasta-se dois dias em barco a motor, só é possível atingir Rio Branco, capital do Acre, se atingirmos Manoel Urbano ou Sena Madureira. Faz-se mister esclarecer que Sena Madureira conta com linha regular de táxi aéreo, e o tempo de voo de Rio Branco a Sena Madureira é de aproximadamente 60 minutos a desta última a Manoel Urbano o tempo é de 25 minutos.

3. Comunicação Familiar

A população Kulina da Aldeia Sto. Amaro é, no momento de [168] pessoas, sendo 82 do sexo masculino e 86 do sexo feminino. Esta população reside, atualmente, em [23] casas em estilo

palafita, construídas às margens dos rios Purus e Chandles, próximas à boca deste último.

Quando Harold Schultz e Vilma Chiara, estiveram entre estes indígenas, eles informaram que a população estava passando por uma fase de reorganização social, gerada esta pela recente epidemia de sarampo que os atacara, que nenhuma casa era habitada por uma família conjugal restrita e que sempre havia uma pessoa solteira morando agregada à sua família.

Queremos chamar a atenção para o fato de — ao que informamos — que a desestruturação social dos grupos Kulina e Tucuruá, bem como outros grupos daíto, foi um constante no passado, iniciado tal fato, após o contato com os missionários.

Nojena ou, aliás, familiar, apresenta-se diversificada, encontrando-se casas com famílias elementares, e compostas de até 5 gerações. A romanha familiar elementar é sem dúvida, na assimilação tupiniquim, não sendo possível, prever se esta a similaridade atingiria tanto o grupo ou não.

ALDEIA SANTO AMARO — BOCA DO CHANDEL — RIO PURUS: (02/04/1977).

LUTINHO DA AGNE — CEM. DE ESTUDOS INDÍGENA, KULINA.

CASAS:

01. Mariano	- 67 anos
02. Thereza	- 60 anos
03. Laura Kuricá	- 23 anos
04. Luzia Virê	- 04 anos
05. Leandro Zumari	- 18 anos
06. Alida Autobá	- 16 anos
07. Bikela Ilomiká	- 23 anos
08. Manoel Filho	- 16 anos
09. Chico Tsabino	- 04 anos
10. Nice Tseké	- 07 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 23 -

CASA 02

- | | |
|---------------------|-----------|
| 11. Luizinho | - 23 anos |
| 12. Alzira Kabbá | - 21 anos |
| 13. Antônio Heri | - 06 anos |
| 14. Armando Tsumari | - 04 anos |
| 15. ? | - 01 mês |

CASA 03

- | | |
|----------------------|-----------|
| 16. Maria Tomai | - 40 anos |
| 17. Edmundo Thaquiró | - 14 anos |
| 18. Japarido | - 06 anos |

CASA 04

- | | |
|---------------------------|-----------|
| 19. Albertino Tsshari | - 34 anos |
| 20. Nazixa Haniza | - 30 anos |
| 21. Bono Tharcó | - 15 anos |
| 22. Néri Heri | - 15 anos |
| 23. Yapezinha Sappá | - 22 anos |
| 24. Capzai | - 17 anos |
| 25. Zelolima Runá (viúva) | - 55 anos |
| 26. Dubim | - 10 anos |

CASA 05

- | | |
|---------------------|-----------|
| 27. Antônio Slikimá | - 40 anos |
| 28. Dede Hanu | - 33 anos |
| 29. Cheia | - 08 anos |
| 30. Zé Peniro | - 36 anos |
| 30. Armando Mappi | - 20 anos |

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 24 -

CASA 06

31. Zé Bedin	- 30 anos
32. Rosa Uaidiu	- 28 anos
33. Rocá	- 06 anos
34. Cabbá	- 01 ano
<u>35. Ilga Heri (viúva)</u>	- 53 anos
36. Emedina Haduná	- 00 anos

CASA 07

37. Nestor Kuai	- 53 anos
38. Lazaré Uadada	- 24 anos
39. Antônio Kelly	- 16 anos
40. Greta Teoc	- 06 anos
41. Joana	- 02 meses
42. Bonato Ussere	- 15 anos
43. Antônio Katsuá	- 16 anos

CASA 08

44. Sakuzinho	- 40 anos
45. Joana Mari	- 30 anos
46. Ninfa Helena	- 19 anos
47. Miguel Hac	- 05 anos
48. Teo Mari	- 02 anos
49. Antônio Iauá	- 12 anos
50. Gracia Diraná	- 16 anos

CASA 09

51. Cariná	- 32 anos
52. Adélia Uemó	- 27 anos
53. Dodo Sadô	- 17 anos
54. Marina Rumá	- 16 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 25 -

CASA 09

55. Manoel	~ 19 anos
56. Raímunda	~ 35 anos
57. Neusa Tsiké	~ 69 anos*
58. Francisco Randucá	~ 61 ano

CASA 10

59. Socô Teomora	~ 40 anos
60. Alziré Nauá	~ 36 anos
61. Lona	~ 61 anos
62. Ant. Jarahí	~ 77 anos
63. Lusi	~ 66 anos
64. Mariana	~ 46 anos

CASA 11

65. Naiunye Kumaá	~ 5 anos
66. Juana Juruá	~ 31 anos
67. Neoca	~ 51 anos
68. Graga	~ 41 anos
69. Socotriá	~ 110 anos

CASA 12

70. Daniel Kiuy	~ 20 anos
71. Neila Cité	~ 27 anos
72. Antônio Uirê	~ 11 anos
73. Feris Madalena	~ 127 anos
74. Renio	~ 11 anos
75. Bodó	~ 11 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 26 -

CASA 13

76. Chico Preto	- 66 anos
77. Jeana	- 52 anos
78. Maria	- 20 anos
79. ?	- 01 ano
80. Mariza	- 05 anos
81. Manoel	- 10 anos
82. Maria	- 08 anos
83. Maronah	- 09 anos
84. Síriá	- 23 anos
85. Francisco	- 25 anos
86. Souza	- 35 anos
87. Donadeli	- 02 anos
88. ?	- 06 meses

CASA 14

89. Clóvis Ray (aleijado)	- 40 anos
90. Dora Para	- 36 anos
91. Carmina Saídó	- 16 anos
92. Benedito Yhu	- 00 anos
93. Sessin Davi	- 02 anos
94. Margarida	- 05 anos
95. Jônio	- 17 anos
96. Valdemir	- 07 anos
97. Iacarias	- 06 anos
98. Luiiza	- 16 anos
99. Fena	- 01 anos
100. Xé Sinú	- 10 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 22 -

CASA 15

101. Bacú Branco	- 55 anos
102. Joana Numará	- 45 anos
103. Juracy	- 15 anos
104. Daledado	- 20 anos
105. Baiana	- 02 anos
106. Zé Bacú	- 18 anos
107. Maria Numihá	- 17 anos
108. Adal	- 13 anos
109. Juracy Junior	- 02 anos
110. Sial	- 09 anos
111. Nonato	- 16 anos
112. Atuka	- 07 anos

CASA 16

113. João Cabeção	- 30 anos
114. Neri	- 32 anos
115. Madalena	- 04 anos
116. Janete	- 03 anos
117. Maralena	- 01 ano

CASA 17

118. Raimundo Taui	- 30 anos
119. Therezinha	- 27 anos
120. Maria Conceição	- 06 anos
121. Marina	- 06 anos
122. Aurina	- 04 anos
123. :	- 01 ano
124. Chico	- 20 anos
125. Dário	- 15 anos

CASA 18

126. Catolé	- 70 anos
127. Raiçunda Kanê	- 50 anos
128. Inácio	- 18 anos
129. José	- 16 anos
130. Flávio	- 20 anos
131. Irene Rozaúá	- 66 anos

CASA 19

132. Sabina Marini	- 55 anos
133. Pedê Ciro	- 43 anos
134. Joaquim	- 30 anos
135. Júlia	- 17 anos
136. Porô	- 19 anos
137. Rosa	- 82 anos
138. Aguiáslio	- 34 anos
139. Polifélio	- 33 anos
140. Alfreto	- 19 anos
141. Lucena	- 27 anos
142. Lívias	- 63 anos

CASA 20

143. Mancel	- 26 anos
144. Júlia	- 16 anos
145. Raiçundinho	- 01 ano
146. Mirisk (feminino)	- 10 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 29 -

CASA 21

147. Malaquias	= 32
148. Therezinha	= ?
149. Miguel	= 30 anos
150. ?	= 06 anos
151. Girê	= 15 anos
152. Neré	= 16 anos

CASA 22

153. Francisco Dorrê	= 40 anos
154. Alzira (falocida)	=
155. Delegado Riá	= 30 anos
156. Suracy	= 24 anos
157. Lulzi	= 03 anos

CASA 23

158. Ouradoc	= 45 anos
159. Therezinha	= 32 anos
160. Balbina	= 14 anos
161. Manakó	= 10 anos
162. Almíro	= 07 anos
163. Graga	= 05 anos
164. Dané	= 03 anos
165. Dora	= 02 anos
166. Therezinha (viúva)	= 60 anos
167. Joana	= 18 anos
168. Canavial	= 06 anos

Obs.: 1) as noções sublinhadas são passíveis de aposentadoria pelo FUNAI.

2) total da população 168. Masculino 82 e feminino 86.

3) o esquema de parentesco a seguir pode conter e acreditamos que tenha, algumas falhas, uma vez que não nos foi possível checar as informações.

4. Atividades Econômicas

A agricultura, a caça e a pesca, são atividades básicas da população Kulina, compondo-se estas na dieta alimentar substancial destes indígenas.

a) Agricultura

A agricultura de coivara dos Kulina é coletiva e masculina na derrubada e familiar no cultivo e consumo. Embora as roças sejam apontadas como do homem, este é ajudado pela mulher e filhos, no plantio, limpeza, colheita e consumo(!). O consumo de bens de uma roça por outra pessoa que não seu dono, somente é praticado com o consentimento do dono e em casos esporádicos. Quando estávamos visitando suas diversas roças, todos usavam os produtos destas, se desejassémos, uma vez que nos eram oferecidos e seus donos mostravam-se contentes em nos servirem. Quando o dono da roça não estava junto, outros índios nos ofereciam o que havia nela.

Segundo podemos calcular, estes Kulina contam 33 hectares plantados, sendo destes, 3 hectares de cana cultivada comunalmente e os demais 30 hectares individualmente. A roça comunitária foi colocada com o incentivo do padre Paulino - filisão Católica - o qual lhes deu um caititu manual, um forno para farinha e uma engenhoca (engenho de madeira) movido manualmente.

Ainda que não tenha sido possível avaliar com maior rigor, o quanto em hectares, por cada produto cultivado, achamos que as medidas abaixo são aproximações do real:

mandioca	15 hect.
milho	05 "
Banana	05 "
cana	05 "
outros (mamão, uaca, arroz , feijão, cará, inhame, batata doce, etc.)....	<u>03</u> "
	33

As sementes para o plantio são guardadas de um ano para o outro em sua maior parte ou adquirida de outras aldeias ou de regionais por troca por outros produtos de sua produção ou mesmo por empréstimo até a colheita seguinte.

A rotação de terras é praticada quando se sente a exaustão do solo, o que se dá após dois ou três anos de cultivo de um mesmo produto ou consorciação em uma mesma área, ou mesmo em função de evitar esforços na erradicação das pragas que a cada ano se avolumam.

A rotação de culturas é pouco praticada, sendo mais uma maneira de aproveitar terreno do que uma procura de maior produção e conservação do solo.

A consorciação de culturas é praticada em larga escala, sendo diversos os produtos consorciados, só não consorciando produtos que levem a visível restrição na produtividade de uma ou ambas as culturas.

Os principais produtos consorciados e suas combinações são:

- 1) mandioca e banana;
- 2) mandioca, banana e milho;
- 3) mandioca, banana, milho e côco;
- 4) mandioca e milho;

- 5) mandioca, milho e abóbora;
- 6) mandioca, cana e banana;
- 7) milho e batata-doce;
- 8) milho, mandioca e abóbora;
- 9) arroz e banana.

A consociação lhes poupa trabalho com derrubadas e limpeza do terreno, bem como proporciona-lhes maior facilidade no transporte uma vez que diversos produtos são cultivados em uma mesma época.

Diversos produtos são cultivados em áreas separadas ou contíguas, acontecendo muitas vezes da se encontrar um mesmo produto sendo cultivado em consociação e em separado. Os produtos mais cultivados não consociados são: feijão de praia, banana, uaca, arroz, cana, amendoim, cará, pimenta, pupunha e algumas outras produtos.

A técnica utilizada na agricultura Kulina é toda manual, sendo empregadas as seguintes ferramentas: enxada, terçado, machado e as próprias mãos.

As ferramentas solicitadas são: enxadas, machados terçados, facas, tesouras, martelos, serrões, plantadeiras manuais, enxades, roletes para puxar toras e gorreões. Além destas ferramentas estão carentes de: fazendas para vestuário, calçados, sal, querossane, açúcar, café, panelas, caldeirão, etc.

Acreditamos que 20% da área aldeia é passível de aproveitamento agrícola sem o uso de técnicas mais sofisticadas.

b) Atividades criatórias

No presente os Kulina da aldeia Santo Amaro não criam nenhum animal com específico fim comercial. A galinha e o pato são criados com fim alimentício ou vendas esporádicas, havendo aproximadamente 15 patos e unas 40 galinhas em toda a aldeia,

algumas aves não domésticas como o mutum, o jacamim, o papagaio e o periquito são criados como xerimbabo, bem como alguns animais como macaco, capivara e quatis.

Os suínos criados são em número de oito e sem fim específico, até o momento.

c) Silvicultura

As madeiras mais comuns na região são: cedro, mogno, açacu, paxiuba, envireira, amarelinho, jacareubá, cumaru, caucho, diversas palmeiras, gameleira, tacana, imbauba e seringueira. Destas, as comercializáveis são o cedro e o mogno, havendo casos de vendas de cedro, totalizando aproximadamente 50 m³ anuais, vendidos a CR\$ 180,00 o m³.

A paxiuba, o amarelinho e a envireira, bem como as folhas de jarina são utilizadas na construção de casas. O cumaru e a jacareuba são utilizadas na construção de canoas e a tacana tem múltiplas finalidades, servindo como varejão, construção de jirau, tapiris e varais.

A comercialização do cedro é feita através da venda direta ao madeireiro, nos meses de novembro a março, sendo que a derrubada da madeira é feita no período de maio a outubro.

Os produtos artesanais são o arco e a flecha, diversos cestos, alguns colares e vestimentas para os Tucurrimés (almas) que atuam nos rituais Mariri e Rerenana, havendo próximos da aldeia e dentro da área eleita, todo o material necessário.

d) Pesca e caça

Da pesca e da caça os Kulina retiram quase que toda a proteína consumida e ao que vemos, dependerão destas atividades durante alguns anos, a menos que lhes proporcionemos conhecimentos e condições necessárias as atividades criatórias, principalmente a de suínos, que acreditamos não ser muito problemática:

P E S C A

ESPECIES	MATERIAL UTILIZADO	LOCAIS
<u>Curimatã</u>	tarrafa e uaca	lago e igarapés
<u>Bodó</u>	idem idem	idem idem
<u>Mocinha</u>	idem idem	idem idem
<u>Mandin</u>	idem, idem e anzol	idem, é Rio Purus
<u>Jundiá</u>	anzol	rios
<u>Filhote</u>	idem	idem
<u>Pacú</u>	idem e tarrafa	idem
<u>Pirarucu</u>	arpão e anzol	idem e lago
<u>Piranha</u>	anzol	idem

Obs: Nomes dos rios, igarapés e lagos acima apontados como locais de pesca:

a) Rios - Purus e Chandles.

b) Igarapés - Agú, Santa Helena, Espera-ai, mulateiro da Praia, Paumari, Raposa, Amendoeira e quati. Destes apenas o Paumari fica fora da área eleita.

c) Lagos - Localizados à Boca dos Ig. Sta. Julia, da Praia e Sta. Helena.

A época melhor para pescar é de abril a novembro, época do verão.

As áreas de caça em geral coincide com a área de pesca, havendo casos de caçadas esporádicas fora e distantes muitas vezes a 5 dias da aldeia.

Os animais e aves mais encontrados e preferidos para a caça são: porquinhos, queixadas, anta, pacá, jacaré, quatis, macacos, tatú, mutum, jacu, jacamim, cujubim, arara e patos.

A exceção do jacaré que também é caçado com arpoes e do jaburi que não gasta arma nenhuma, todos os demais são caçados com o uso de espingardas ou em alguns casos, com arco e flecha.

A carne de peixe e caça são quase que exclusivamente para o consumo, raramente ocorrendo venda a regionais ou regatões. Quando ocorre venda, o preço do Kg de caça ou pesca varia entre três a seis cruzeiros.

a) Artesanato

O artesanato está hoje, restrito ao atendimento das necessidades de objetos não conseguidos dos nacionais e aqueles necessários aos rituais. Raramente se vende algum artesanato, quando ocorre, é a regionais ou a regatões.

No primeiro caso temos arco e a flecha para eventuais substituições a arma de fogo, quando não se consegue sortimentos; castos diversos para transporte de produtos agrícolas, caça e pesca; prensas para espremer massa de mandioca; canoas, varejões, suas casas, ônus de algodão para diversos usos e zagaias para pesca.

No segundo, vestimentas e adornos usados nos rituais Marri e Rerenana, pelos homens e alguns amuletos para uso das crianças a fim de evitar algum mal ou prevenir contra ataques de animais e répteis.

Os materiais necessárias ao artesanato é todo ele encontrado na área eleita em condições de fácil aquisição.

Não fabricam mais os utensílios domésticos, boa parte das vestimentas, armas e armadilhas para caça e diversos objetos de uso pessoal não mais usados atualmente.

f) Coleta

A coleta tem hoje uma significação secundária,

sendo os produtos coletados mais uma complementação alimentar do que uma atividade de subsistência.

Os produtos coletados e de maior significação são: cacau, patoá, bacaba, açaí, ingá e diversos palmitos. A exceção do palmito, todos os demais são coletados pelas mulheres. Do cacau aproveita a poupa, parte exterior da semente e a própria semente da qual se faz o chocolate líquido, após ser secada e triturada em pilão.

5. Aspectos Sociais e Culturais

a) Política

Não encontramos na bibliografia pesquisada, nem nas conversas com os próprios índios, referência a grandes aldeamentos Kulina ou de líderes que reunisse sob sua liderança grandes contingentes de membros dos pequenos aldeamentos do passado. Cada aldeia sempre teve seus líderes políticos e espirituais, havendo casos em que um só indivíduo acumulava ambas as funções.

Ainda que a liderança política tenha sofrido uma grande desestruturação após o longo contato com os brancos, o mesmo não ocorreu com a mágico-religiosa.

No caso de liderança política, três pessoas disseram ser Taminé (Tuxaua) acusando haverem sido escolhidos pelo padre Paulino, membro da Missão Católica, que até poucos meses atrás, atuou na área, numa intromissão inopportunamente, inadequada e repugnante. cada destes Taminé, tendo uma função específica. Assim temos:

- Mariano Taminé - para fazer as mulheres trabalharem
- Dorrô - Taminé - para fazer os homens trabalharem
- Bariná - Taminé - para fazer os rapazes trabalharem.

Felizmente, não instituiram Taminé para os meninos e meninas, nem nomearam estes Taminé para, explicitamente, transmitirem religião ao convencerem outros índios às pregações divinas.

O relacionamento entre a comunidade indígena e os regionais abrange os regionais nacionais (seringalistas e seringueiros) e peruanos instalados próximos a aldeia, entre esta e a confluência

do rio Chandles.

No primeiro caso, os regionais vêm respeitando as áreas de maior uso pelos índios, nela não caçando ou extraindo produtos vegetais, havendo em função disto, uma convivência pacífica. No caso dos peruanos, a situação é adversa, havendo atritos constantes, uma vez que estes estão muito próximos da aldeia, de algumas de suas roças e do cemitério.

O relacionamento com os missionários foi interrompido há alguns meses, sendo os missionários ao que notamos, aceitos e etá desejados pelos índios. É de se esclarecer que a não ação efetiva da FUNAI e a interrupção do relacionamento missionário deixaram os índios sem a quem apelar. Ainda que prejudicial em muitos casos, a exemplo da intromissão na estrutura política e religiosa, com a eleição de líderes e imposição de novos preceitos religiosos, a missão vinha-lhes ajudando em alguns problemas como medicação e mesmo dando-lhes algumas coisas, como é o caso de um caititu para ralar mandioca e uma engenhoca para moagem de cana, bem como algum auxílio na educação.

O relacionamento com os membros de nossa equipe não foi dos melhores no dia em que chegamos a aldeia, estando os índios desconfiados e perguntando-nos onde estavam os padres, o Chefe do Posto e o que queríamos. Pareceu-nos que os missionários, no período que lá permaneceram, quase nada de bom ou de verdadeiro falaram sobre a FUNAI.

O relacionamento FUNAI e missões, na área, é no momento inexistente, não havendo efetiva e constantemente no local, membro de nenhuma delas. Os Missionários foram retirados e não havia Chefe de Posto atuando no local quando de nossa visita, uma vez que o designado para a área estava nos acompanhando e era sua primeira viagem ao local.

b) Religião

A liderança mágico-religiosa, como já dissemos, não sofreu grande desestruturação, malgrado a ação da Missão Católica que chegou a colocar cruzes nas casas indígenas (vide foto 26). Dorirrinédá (feiticeiro) é o líder máximo nas práticas religiosas. Seu número embora relativamente grande, contando cada aldeia com dois deles ou mais, não implica que todos sejam respeitados e prestigiados. Na área do alto Purus, os dois mais famosos são os desta aldeia do Santo Amaro, de nomes Mariano e Dorrô.

Não só o Dorirrinédá cura dentes. Os Tucumrimás (almac) também o fazem, durante o ritual chamado Rérônaná. Estes Tucumrimés são em grande número. Observamos só na aldeia Maronaua a participação de seis deles no ritual Rérônaná (cantar) por nós assistidos.

Estes "feiticeiros" são na verdade, os "médicos" Kulina. Dori, feitiço é a causa de todos os males, não sendo todos de uma mesma origem, podendo as que conseguimos apurar, advirem de entes sobrenaturais, animais e dos próprios feiticeiros quando querem prejudicar alguém.

c) Aspectos Gerais

A aldeia Kulina de Santo Amaro está localizada como vimos, às margens dos rios Purus e Chandles, ficando uma fila de casas em estilo palafítico, a jusante de cada um dos rios, formando uma Praça Central utilizada para campo de futebol e local de recriação das crianças (vide fotos 26 e 27).

Além das casas destinadas à moradia, existem outras pequenas construções destinadas a abrigar galinhas durante a noite e duas construções destinadas à defumação do latex. O campo de futebol é a única área destinada ao lazer, por nós vista. Os homens da aldeia organizam, nos finais da semana jogos com regionais mais

próximos, sendo estas efetivados no campo da aldeia ou de algum seringal próximo.

6. Situação Médico-Sanitária

Antes da instalação da missão na área e das visitas esporádicas da EVS da 8ª DR, o que se deu há poucos anos, não havia nenhuma assistência médica, ficando os "médicos" da aldeia encarregados do tratamento das doenças e esporadicamente o Padre Paulino aparecia na área, prestando alguma assistência.

A população está vacinada contra TB, sarampo, varíola, sendo a primeira e parte da segunda efetuado no final do mês de abril, pela equipe da Divisão Nacional da Tuberculose com o auxílio econômico e de pessoal da FUNAI. As visitas da EVS, somam quatro, feitas em ocasiões não periódicas, permanecendo até 3 dias na aldeia.

Não há enfermarias, sendo o atendimento médicos feitos na escola quando as unidades da EVS vão ao local.

As doenças de maior incidência na área são: gripe, tuberculose, verminoses, doença da pele e olhos, sarampo e doenças dentárias. O estado nutritivo da população é razoável.

A alimentação básica é composta por: mandioca, banana, milho, caça, peixe, feijão da praia, abóbora, batata-doce, algum arroz, amendoim e diversos produtos silvestres como ingá, o cacaueiro e diversos palmitos.

As fontes de abastecimento d'água são: Rios Purus e Chandles e um pequeno igarapé temporário e sem nome, que fica próximo à aldeia. A água é turva e não recebe nenhum tratamento, sendo coletada em latas, panelas e caldeirões.

Os dejetos e o lixo não recebem nenhum tratamento, ficando ao ar livre até serem deteriorados pelo solo.

O serviço médico mais próximo é Serra Madureira, sen-

do necessário cinco dias rio abaixo para ser alcançado em barco a motor.

7. Situação Educacional

Em 1975 a Prefeitura de Sena Madureira e a Missão Católica, tendo a frente o Padre Paulino, construíram em tábua e zinco, uma escola/igreja dentro da aldeia. Conta esta casa com uma sala de aula e um pequeno cômodo destinado a guardar os materiais da escola e servir como local para cozinhar e dormir uma pessoa quando necessário. O professor que sabe a língua Kulina era pago pela Prefeitura e Missão. Atualmente a escola está fechada e segundo sabemos, o professor só voltará se a Missão for autorizada a atuar na área. Os índios estão reclamando entre outras coisas a reabertura da escola com urgência.

O material era fornecido pela Prefeitura e pela Missão, não havendo merenda escolar. O currículo era o nacional e não sabemos nenhum dado, quanto a rendimento, frequência e evasão escolar. Sabemos pelos índios que o professor fazia proselitismo religioso durante as aulas.

Acreditamos que 70% dos homens, 30% das mulheres e 5% das crianças falam a língua portuguesa e todos falam a língua indígena nas conversas entre si

8. Definição da Área Indígena:

A eleição da área por nós apontada, para este grupo Kulina, foi a que apresentou maiores dificuldades de todas as visitas até o momento. Os índios não conseguiram de pronto, indicar-nos qual a área que realmente queriam e que julgavam necessária ao grupo, só o fazendo já no final da nossa permanência observação do Taminá Dorrô. Por outro lado, tomamos conhecimento de uma proposta de área indígena, feita pelos Padres a qual indicava toda

a área entre os rios Chandles e Purus e a divisa com o Peru. Esta proposta nos pareceu irreal dadas as necessidades dos indígenas, localização da maior aldeia, a de Santo Amaro, fora do local indicado, existência de grande número de posseiros, bem como uma vila, a de nome Santa Rosa.

Deixamos de indicar no mapa as áreas de caça, pesca e coleta por serem estas atividades praticadas em locais coincidentes o que dificultaria a legibilidade. Assim, limitamo-nos a descrever estas áreas.

ÁREA DE CACÁ E PESCA

As áreas de caça são coincidentes nos seguintes lo-
cais: rios Purus e Chandles, proximidades das desenbocaduras dos igarapés Quati, Açú, Santa Helena, Santa Júlia e demais igarapés da margem esquerda do rio Chandles, abaixo da confluência do igarape Pai D'água. Não são coincidentes nas cabeceiras dos referidos igarapés bem como dos afluentes do igarapé Espera-ai, onde só se pratica a caça e muito esporádicamente a pesca.

* Embora sendo área de caça e pesca, deixamos fora da área eleita, o igarapé Paumari, por estar muito distante da aldeia, e estaria área entre a aldeia e o igarapé totalmente invadida.

As áreas de coleta e extrativismo são coincidentes com a área de pesca e estão nas proximidades dos rios Chandles e Purus e relativamente próximas das aldeias e das roças, portanto todas elas dentro da área eleita.

O cemitério está próximo a aldeia e mais próximo da desembocadura do rio Chandles do que da aldeia.

A área só conta com cinco famílias não indígenas, num total de 32 pessoas. São chamados de peruanos, tendo alguns deles nascido no local. Vivendo de uma rudimentar agricultura de subsistência praticada junto de suas casas e do aluguel de mão-de-obra.

aos sexingais localizados acima da faz do Chandles.

9. Medidas de ação

Diversas são as medidas de ação necessárias as que entendemos, sendo algumas delas de caráter de urgência:

- [] a) solução para a designação do chefe do Posto;
- [] b) designação urgente de um (a) atendente de saúde;
- [] c) designação urgentíssima de um (a) professor (a);
- [] d) construção de uma casa para a professora e para o Chefe do Posto, enfermaria e para pequeno armazém;
- [] e) regularização das visitas das Equipes Volantes de Saúde;
- [] f) Projeto de Desenvolvimento Comunitário;
- [] g) construção urgente de campo de pouso; e
- [] h) instalação de equipamento da Funai;

Queremos informar que o cacau é nativo na área, apesar de existir uma produção razoável por cada cacaueiro, o que nos pareceu fato significativo para projetos de DC.

As plantações de café já experimentadas próximas da área tiveram sucesso e como é sabido a borracha é natural devendo também ser levada em conta nos projetos DC.

KULINA — ALDEIA MARONAU1. Localização e vias de acesso

A atual aldeia Kulina de Maronau está localizada à margem direita do rio Purus, nas proximidades dos ex-seringais Cacianã, acima do atual coringal Sobral que fica próximo à desembocadura do igarapé Maronau, no Município de Manoel Urbano, Estado do Acre. Esta área é assistida pela Ajudânciia de Rio Branco, subordinada à 3a Delegacia Regional da FUNAI, esta com sede em Porto Velho, Rondônia.

O centro urbano mais próximo é Manoel Urbano, pequeno povoado à margem esquerda do rio Purus, distante três dias rio abaixo da aldeia, sendo atualmente sede municipal. Este povoado conta com um campo de pouso para pequenas aeronaves, aparelho de fonia de uma empresa particular, uma pequena casa de saúde sem médico nem atendente, uma escola e não oferece condições de acomodações para hospedagem, alimentação e abastecimento de combustível. Da Manoel Urbano a Serra Redureira gasta-se dois dias de viagem e nesta se conseguem condições mais razoáveis. Da aldeia Maronau ao povoado de Santa Rosa, gasta-se em média, 11 horas de viagem em barco a motor, e neste povoado contamos com um pequeníssimo campo de pouso e um aparelho de fonia da Sub-Delegacia. Deste povoado a Rio Branco gasta-se em média uma hora em teco-teco.

2. Formação da Aldeia

Quanto ao histórico da ocupação indígena da área do Alto Rio Purus, veja Kulina da Aldeia Santo Amaro. Pág. 18/21

A aldeia Maroneua é resultante da união de diversas pequenas aldeias, anteriormente fixadas nas margens do rio Purus, nas proximidades da atual, nos seguintes locais: 1) junto ao

~~Lago Sacado, 2) igarapé Sapateiro, 3) igarapé Canamari.~~ Destas a primeira a mudar-se foi a do Lago Sacado, há aproximadamente 8 anos atrás e a última há cerca de 4 anos.

Ainda que não possamos afirmar, mesmo porque os índios alegam-nos como motivo o parentesco, a caça e a pesca, acreditamos que esta união dos três pequenos aglomerados é devida a ação Missionária que os visitava exoradicamente no passado. O fato a ressaltar é que se faz necessária a assistência permanente ao grupo, com Projetos de Desenvolvimento Comunitário, ou haverão em um futuro imprevisível, novos rearranjos com possível dispersão, pelo escasseamento de caça, pesca e colhetas nas proximidades da atual aldeia. Queremos esclarecer, como já vimos na parte histórica, que os Kulina nunca foram citados como residindo em grandes aglomerados e que as 21 pessoas residentes em Tauaré moraram durante alguns anos na aldeia Maronaua, tendo saído para Tauaré em fevereiro de 1976. Uma das mulheres de Manducão é irmã do tuzaua do Maronaua.

3. Composição familiar

Como já vimos na parte referente aos Kulina da aldeia Santo Amaro, os Kulina moram em pequenas casas em estilo palafita, abrigando estas casas família nuclear para alguns casos e famílias compostas de duas a três gerações em outras.

Atualmente a aldeia é composta de dezenove casas, instaladas nas margens direita e uma casa na margem esquerda, esta última destinada a uma família encarregada de cuidar da incipiente criação de suínos. A população total da aldeia é aproximadamente 125 pessoas. Infelizmente não podemos fornecer o total exato, por havermos perdido folhas do nosso bloco de notas onde constava a relação nominal das três outras casas, bem como o esquema de parentesco dos membros da aldeia.

RELAÇÃO DA POPULAÇÃO KULINA DE HARMAUÁ, POR CASACASA 01

- | | |
|---------------------------------|-------------|
| 01. Mandukino Oizika | - 38 anos ✓ |
| 02. Maria Lora | - 36 anos ✓ |
| 03. Zafira Konaké | - 16 anos ✓ |
| 04. Jessina Dzené | - 08 anos ✓ |
| 05. Aurina Mumirra | - 06 anos ✓ |
| 06. Raimundinho Rimana Sarapati | - 05 anos ✓ |
| 07. Diva Knaidô | - 14 anos ✓ |
| 08. Rrazão Kari | - 13 anos ✓ |
| 09. Amadeu Lirru | - 20 anos ? |
| 10. Mânska Kadzorra | - 03 anos ✓ |

CASA 02

- | | |
|------------------------|-------------|
| 11. Frazão Tocani | - 33 anos ✓ |
| 12. Zozana Nicô | - 23 anos ✓ |
| 13. Graça Manirra | - 06 anos / |
| 14. Grauza Acuá Haconi | - 02 anos } |
| 15. Doka Hipai : | - 05 anos } |
| 16. ? | - 00 meses |

CASA 03

- | | |
|----------------------|-----------|
| 17. Santo Akimá | - 63 anos |
| 18. Loza Akisá | - 63 anos |
| 19. Francisco Kapé | - 26 anos |
| 20. Antônio Tabará | - 22 anos |
| 21. Adelina Macuá | - 21 anos |
| 22. Adimundes Taburá | - 18 anos |
| 23. Muró | - 04 anos |
| 24. Rubio | - 03 anos |

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

25. Huré - 04 anos

26. Pauká - 05 anos

CASA 04

27. Abrumadi Derô - 55 anos

28. Mariquinha Mautará - 40 anos

29. Noqusu Aki - 08 anos

30. Terezinha Kainá - 06 anos

31. Amamá - 02 anos

32. Antonio Dorrô - 20 anos

33. Elia - 18 anos

34. Antonio Katsuká - 15 anos

CASA 05

35. Raimundo Francisco Kurina - 23 anos

36. Cuna Hicadá - 17 anos

37. Humberto Habirrô - 02 anos

CASA 06

38. Manoel Nentes Kubio - 35 anos

39. Miti hundá - 34 anos

40. Valdemar - 14 anos

41. Nazaré Kuriaká - 17 anos

42. Margarida Korimá - 12 anos

43. Fauna Nici - 06 anos

44. Socorro Kabi - 02 anos

45. Manduca Nororô - 28 anos ↗ 98 km

CASA 07

CASA 07

46. Manoelzinho Moré	- 33 anos
47. Valdise Labitá	- 35 anos
48. Nanakio	- 10 anos
49. Abso Rodizio	- 07 anos
50. Akabê	- 05 anos

CASA 08

51. Džinuká Ozumarre Deni	- 22 anos
52. Madalena Mauá	- 19 anos
53. Joaquina Ferienta	- 03 anos
54. Donia Nito	- 50 anos
55. Isaeon	- 50 anos
56. Zené	- 42 anos
57. Aumô	- 30 anos
58. Alzira	-

CASA 09

59. Tonico	- 28 anos
60. Antonia	- 25 anos
61. Zita	- 06 anos
62. Haní	- 05 anos
63. Sabino - mora no rio Envira	-
64. Salomão	- 07 anos

CASA 10

65. Nibuel	- 45 anos
66. Joana	- 39 anos
· Luzia (+)	
· Antonia (casa 09)	- 60 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 48 --

CASA 10

67. Xiquito	- 12 anos
68. Delziro	- 07 anos
69. Auro	- 03 anos

CASA 11

70. Codó	- 40 anos
71. Joana	- 36 anos
72. Abidon	- 24 anos
73. Wenon	- 19 anos
74. Manoel mora na boca do Chandles - Hunaná (idem)	-
74. Benedito	- 12 anos
75. Zita	- 06 anos

e.t.

CASA 12

76. Lomival	- 35 anos
77. Raimunda	- 34 anos
78. Malaquia	- 18 anos
79. Sebastiana	- 16 anos
80. Valdemir	- 12 anos
81. Jesus	- 07 anos
82. Getulio	- 03 anos

CASA 13

83. Luizinho	- 28 anos
84. Alzira	- 26 anos
85. Domi	- 09 anos
86. Leia	- 07 anos
87. Valmir	- 05 anos
88. Santo	- 02 anos

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAICASA 14

89. Manduca	- 38 anos
90. Zupila	- 39 anos
91. Quiz	- 23 anos - mora em S. Bernardo - Peru
92. Valdeci	- 09 anos
93. Sebastiana	- 07 anos
94. Moé	- 05 anos
95. Bodo	- 19 anos
96. ?	?

CASA 15

97. Leônicio	- 66 anos
98. Francisca Castídia	-
99. Izabel Nunes	-
100. Francisco Silva	- Está trabalhando área , com Sr. Jonas em cay cho.
101. Terezinha Sales	-
102. Elias	-
103. Manhuco	-
104. Delvina Nunes	- mora nas cabeceiras do Chandães, no Peru.

CASA 16

105. Capitão	- ,40 años
106. Maria	- 39 años
107. Manoel	- 09 años
108. João	- 05 años
109. Nica	- 03 años
110. Errô	- 01 año

População TavaréCasa 1

1. <u>Manducão</u>	/ <u>Nohô</u>	- 50 anos
2. <u>Joana</u>	/ <u>Pahahé</u>	- 40 anos
3. <u>Luiz Badó Uará</u>		- 25 anos
4. <u>Vitória</u>		- 23 anos
5. <u>Valdeci</u>		- 17 anos
6. <u>Antonio</u>		- 20 anos
7. <u>Joana</u>		- 06 anos
8. <u>Luzia</u>		- 04 anos
9. <u>Messias</u>		- 01 ano
10. <u>Hilton</u>		- 03 anos
11. <u>Dilma</u>		- 26 anos
12. <u>Raimundo</u>		- 16 anos
13. <u>João Maria</u>		- 10 anos
14. <u>Lorinha</u>		- 05 anos
15. <u>Damião</u>		- 07 anos
16. <u>Marina</u>		- 10 anos
17. <u>Valdir</u>		- 06 anos
18. <u>Pedro</u>		- 11 anos
19. <u>Zezinho</u>		- 04 anos
20. <u>Zequinha</u>		- 01 ano
21. <u>Raimundo</u>		- 22 anos
22. <u>Suliana</u>		- 20 anos
23. <u>Raque</u>		- 02 anos

4. Aatividades Econômicasa) Agricultura

A agricultura de coivara dos Kulina é, como já vimos, masculina e coletiva na derrubada e familiar na limposa, colheita e consumo. Queremos observar que aplicamos a palavra coletiva uma vez que todos os homens disponíveis participam na derrubada quando o dono do roçado pede ajuda aos demais membros. Se o roçado é pequeno, o próprio interessado faz sozinho a derrubada.

Os Kulina contam com aproximadamente 28 hectares cultivadas em 8 roças separadas, num total aproximada por cultura de:

Mandioca	- 17 hect.
Banana	- 3 "
Milho	- 3 "
Cana	- 2 "
Arroz	- 1 "
Outros	- <u>2</u> "
Total	28 "

A escolha dos locais onde botar roça obedece a diversos fatores, sendo os mais ponderáveis: a distância da aldeia, que não deve ser muito grande para evitar maiores dificuldades; a qualidade da terra é determinada pelas características do solo, vegetação e proximidade de fontes de água; pouca satisfação de formigas e de outros animais depredadores como a cobra.

Como os Kulina da aldeia Amara, a consociação entre os do Maronauá é largamente praticada, servindo como manejos mais práticos das conhecidas, para tirar um maior proveito do terreno próximo a aldeia, evitar esforços com outras derrubadas e conseguiram retirar de um mesmo local, diversos produtos.

As consorciações mais comuns são:

- a) Mandioca e milho
- b) Mandioca, milho e banana
- c) Mandioca, milho, banana e mamão
- d) Mandioca e banana (foto 16)
- e) Cana, banana e mamão
- f) Banana e mamão
- g) banana e arroz

Ainda que a consorcação seja largamente prática da todos os produtos podem ser cultivados separadamente em áreas contíguas ou não. Geralmente, em terras onde se cultivem arroz por um ou dois anos, planta-se posteriormente, cana, tabaco, cará ou batata-doce.

Produtos como o feijão de praia, a melancia e a uaca e pimenta, são cultivados quase sempre em separado.

Além dos produtos já referidos, estes Kulina cultivam ainda: pupunha, taioba, abóbora e urucum.

Pela quantidade de hectares plantados, a mandioca é o principal produto cultivado e o principal na dieta alimentar. Esclarece-se que a mandioca e seus subprodutos dificilmente são consumidos sozinhos. Quando cozida é, por excelência, a companheira da carne de caça ou peixe.

Os seus subprodutos mais comuns são: farinha de puba, beiju e caisuma.

A rotação de terra é praticada sobretudo, pelo esgotamento do solo, e pelo excesso de pragas, sendo o tempo de descanso do mesmo, mais função da disponibilidade de áreas cultiváveis nas proximidades da aldeia do que pelo tempo necessário à recuperação da sua fertilidade.

A rotação de culturas é mais função de tempo no-

cessário ao cultivo de alguns produtos do que a necessidade de se conservar a fertilidade do solo, fato este pouco conhecido pelo que nos foi possível sentir.

A técnica utilizada é estritamente a manual, sendo empregados os seguintes instrumentos: enxada, machado, terçado e dadapô (pau pontiagudo para abrir covas).

As sementes utilizadas no plantio são guardadas, em casa ou na própria roça, quando possível (vide foto 23) ou adquiridas de outros Kulina mais próximos ou mesmo de regionais. Em ambos os casos, se troca por outros produtos ou empresta-se para posterior pagamento.

A estocagem dos produtos agrícolas é feita na própria casa do dono do produto, sendo a mandioca, produto mais cultivado, estocado na própria roça, uma vez que, só a colhem quando para o consumo imediato ou em transformação em subprodutos.

O milho é em sua maior parte, consumido enquanto verde, só estocando o necessário ao plantio seguinte e o não consumido, em pequena quantidade.

A comercialização dos produtos agrícolas tem sido até o momento, pouco praticada, mesmo porque, só agora se alcançou real excedente. Ao que acreditamos, só não perderão mais da metade da mandioca em condições de ótimo aproveitamento, se lhes forem facultada a aquisição de um caititu e fornos para transformá-la em farinha ou se lhes facultarem a aquisição de suínos para seu consumo ou até mesmo sua venda, o que acreditamos impossível.

Quando se vende algum produto agrícola é a regra tóes o preço aviltante. O mais comum é trocá-los por sal, queijo, açúcar ou café.

As ferramentas solicitadas são: terçados enxadas, machados, foices, plantadeiras manuais, caititu, forno para

torner farinha e enxadões. A inseticida é extremamente necessária.

b) Atividades Criatórias

Os Kulina do Maracanã são os únicos dos quatro grupos Kulina a praticar a criação de suinos de modo contínuo e como atividade que demanda mão-de-obra exclusiva, bem como área separada da de cultivo e moradia.

O número de cabeças é de aproximadamente 20, sendo a maioria, cerca de vinte, ainda muito pequenos e chamados regionalmente de bacuris. Existem 2 reprodutores, segundo fomos informados. Como a criação é extensiva, com maiores cuidados, ficando os animais soltos na mata, a alimentação necessária é pequena, restringindo a algumas espigas de milho, mandioca, cana e manjão.

Segundo informaram-nos, venderam apenas algumas cabeças a regionais que queriam iniciar sua criação.

Uma família mora na margem oposta à da aldeia e cuida dos animais de todos, recebendo por isto, alguns pagamentos em alimentação dias de trabalho e mesmo algumas cabeças das produzidas.

Além dos suinos, criam galinhas e patos, tendo cada criador uma pequenina casa para fechar as aves durante a noite, no intuito de evitar roubo e predação por outros animais. O número destas aves atinge aproximadamente a 50 e só são consumidos parcialmente, servindo mais para a troca com os regatões, quando estes cobrem o rio e dispõem a cer em troca das galinhas, produtos dos indígenas.

c) Agricultura

Queremos ressaltar apenas que as quantidades de caucho extraído anualmente atinge cerca de 300 Kg, a seringa a

250 a cedro a 20 m³. As espécies, épocas e finalidades das diversas macaciras são iguais as dos Kulina de Santo Amaro.

d) Uaca e pesca

As espécies, locais e materiais utilizados na caça e pesca são iguais as do Kulina de Santo Amaro.

Com a finalidade de registrar e tentar informar que as condições em que são usadas a uaca para pesca, esta não é predatória e quaisquer ações proibitivas por parte de órgãos públicos, devam ser proibidas pela FUNAI. Tentarem os a seguir tecer algumas considerações sobre a pesca com uaca.

Com o nome genérico da uaca, os Kulina cultivam quatro variedades de plantas que tem efeitos tóxicos às diversas espécies de peixes, quando Triturada e misturada na água.

A cultura da uaca é feita em área contígua às de outras culturas, não sendo praticada ao que vimos consociação com outras variedades de uaca ou outros produtos por eles cultivados.

As sementes são semeadas em terreno preparado como para qualquer outra cultura, sendo dispensado algum cuidado de limpeza, até que a plantação atinja um tamanho que permita cobrir totalmente o terreno, evitando a propagação de ervas daninhas.

Quando as plantas atingem a idade madura, cerca de um metro e vinte de altura, galhamento completo e as folhas alcançam seu tamanho maior, estão no ponto ótimo de serem usadas (facto 43). Esta condição se dá a partir do mês de abril, variando conforme o período plantado e as condições climáticas. Como o período fértil para o seu uso é o verão (abril a outubro) seu plantio deve ser feito em meados do inverno (novembro a março).

O verão da que nos explicaram, é a época apropriada para haver menos quantidade de águas nos igarapés e lagos e

por serem as águas mais quentes no verão do que no inverno. Esclarecemos que embora os indígenas digam que a ação da uaca seja mais efetiva em águas mais quentes do que em águas mais frias, eles não conseguiram nos explicar porquê de tal fato.

Não se utiliza a uaca com a mesma frequência e fins como as demais técnicas de pesca. Para usá-la depende-se de locais apropriados, o concurso de diversas pessoas, sua colheita e preparo, o que não ocorre com o anzol ou tarrafa que podem ser usados individualmente. Além do mais a quantidade de peixe geralmente conseguido é grande e não se destina a alimentação de uma única família, mas sim a diversas, sendo uma atividade coletiva, tanto no que se refere a sua prática quanto aos fins a que se destinam seu resultado.

Por outro lado, a toxicidade da uaca e o poder de extermínio das espécies de habitantes aquáticos merecem dos Kulina tratamento especial.

Assim, quando vão aplicar a uaca em um determinado igarapé, tomam o cuidado de não a aplicar nas suas cabeceiras e sim nas proximidades da desembocadura do mesmo, em uma distância aproximada de até 100 metros, afim de permitir um repovoamento mais rápido do local, bem como delimitar o âmbito de ação e hipoteticamente o tempo de pesca e o volume de peixe a ser conseguido.

Esclarece-se que em tempo de escasseamento alimentar outros cuidados não são respeitados e o igarapé utilizado fica estúpido nas próximas cheias.

Em uma maravilhas com uaca o número de participante geralmente é grande, como já vimos, não havendo limite de idade e discriminação de sexo quanto ao participante.

Ainda que não nos tenha sido possível determinar quem ou parentesco de quem participa nas pescarias coletivas,

bem como se há restrição de qualquer ordem, na que participamos havia 5 mulheres, seus respectivos maridos e quatro crianças, filhas de três dos casais, sendo uma delas com cerca de dois (2) meses de idade (vide foto 47) seis outros homens parentes entre si mas em graus diferentes e o pesquisador.

Cada participante masculino leva uma zagaia (espécie de arpão) vide foto 46, e um pequeno cesto para acondicionar e transportar os peixes conseguidos (foto 47), as mulheres e crianças pegam alguns peixes com as mãos, nas proximidades das canoas, ajudam na mistura da água com a uaca e auxiliam a seus maridos na procura dos peixes atormentados na superfície da água. São muito alegres e fazem grande algazarra mesmo que o peixe visto seja um pequenissimo bocó ou tamari. São elas que colhem e transportam a uaca para a aldeia, onde será secada em pilão ou em buracos feitos no chão pelos homens (foto 44).

A massa de uaca é transportada até o local de sua aplicação em cestos e misturada com água, em uma lata, antes de ser lançada no local (foto 46/7). Após seu lançamento, os participantes movimentam a água com remos, pedaços de madeira e com as próprias mãos. Terminada esta operação espera-se o afixamento dos peixes, o que demora no máximo 30 minutos.

Caso a uaca não seja suficiente e não se consiga com ela os frutos desejados, resta tentar a sorte, mergulhando as zagaias rapidamente dentro da água a fim de apanhar alguma peixe desejado, sendo os mais descuidados e lentos os bocós e as arraias. As fotos 48/9 e 50 mostram uma arraia por nós fisgada utilizando este processo e sua divisão entre os homens.

5) Aspectos Sociais e Culturais

a. Motivos

O que procuramos mostrar na parte referente aos

Kulina de Santo Amaro são também válidos para estes do Maronaua, sendo de se ressaltar que aqui existe apenas um Taminé que é o índio Manduca e um seu substituto em casos eventuais e ausências do primeiro. Manduca foi nomeado, segundo ele, pelo Governador do Estado em visita à Rio Branco. Obs: O dito Governador não passa do Chefe da Secretaria do Estado.

Pareceu ser respeitado e acatado pelos demais membros em muitos de seus intentos. Notamos entretanto, que o mesmo evita mandar outros índios fazerem as coisas, esperando quando for o caso, que o interessado se disponha a executar a tarefa.

Manduca tem grande experiência no relacionamento com a sociedade nacional, expressa-se muito bem em português e descendendo de outros Taminé do passado.

b) Religião

Além do já referido na parte referente aos Kulina de Santo Amaro, queremos referirmos aqui a mais alguns fatos.

Não há nesta aldeia Kulina, nenhum Dorrinadé (feiticeiros ou chamãs) mas sim diversos Tucurrimá (almas), que são os únicos que praticam o curandeirismo, não sendo entretanto muito prestigiados.

Sempre que há alguém com doenças mais sérias, este é levado para a aldeia Santo Amaro para ser medicado pelos Dorridé de lá. O prestígio dos dois médicos feiticeiros de Santo Amaro é tão grande que nos dias em que estávamos em Maronaua, encontramos uma criança com TB em alto grau e seu pai também com TB ganglionar e ao informá-los de que poderiam ser deslocados para Rio Branco, eles pensaram bastante antes de definirem se seguiriam para Santo Amaro como haviam programado para o dia seguinte ou se não para Rio Branco. Acreditamos que a opção pelos médicos nacionais deva-se também ao fato de possibilitar um passeio diferente e almejado por

Com o fim de registrar e patenteiar a preservação de traços culturais tradicionais entre estes indígenas, procuraremos descrever a seguir o ritual RERÉNANA (cantar) por nós assistido quando de nossa visita a aldeia.

Por volta das 17:00 horas do dia 31/03/77, dois homens, sairam da aldeia, rumo ao mato, portando terçados, com o fim de cortar folha (epé) de jarina (Dziqui), sem no entanto dizer para qual finalidade. Quando voltávamos do banho, encontramos um daqueles homens (Cubio), desfiando as folhas e tornando-as maleáveis e passíveis de se tornarem uma espécie de vestimenta. O local é sempre usado para tal fim, fica entre a aldeia e o igarapé como fonte de abastecimento d'água e banho, fica a uma distância aproximada de 80 metros da aldeia. Esta tarefa durou até aproximadamente 19:00 horas, momento em que contamos estarem prontas seis vestimentas completas, constando de:

- a) espécie de coroa que colocada sobre a cabeça, chega até abaixo dos ombros, cobrindo assim completamente o resto;
- b) espécie de saio, atado na cintura, cobrindo até a altura dos joelhos, chamada Dôrrôcá;
- c) espécie de braceletes feitos da mesma folha trançada, chamada Berrêcá.
- d) espécie de pulseiras feitas também de folhas trançadas e colocadas nos punhos e acima dos tornozelos, chamadas Dzaaná.

Por volta das 17:00 hs, algumas mulheres trazendo seus filhos de colo e várias crianças reuniram-se em frente a casa do Taminé síbstituto e algumas delas iniciaram uma dança em roda, em frente a casa, momento em que começaram a cantar o Tucurrimé. Esse canto chama-se Rérénana Atzabatôê.

A esta altura, vários homens haviam desaparecido, rumo ao mato, do local onde se encontravam as vestimentas de folhas e durante o ritual seis deles apareceram portando além da

vestimenta já descrita, um molhe de folhas diversas, chamado Dzepacá, cada um atuando em separado, de tal modo que enquanto um encontra-se na roda, dançando com as mulheres e medicando algumas pessoas, de ambos os性os que manifestavam sentir alguma dor, outros voltam ao mato cantando. O tratamento consiste no seguinte: o paciente é sentado em uma tora de madeira próximo às mulheres que continuam dançando e cantando. O Tucurrimé (alma) deixa a roda, aproxima-se do paciente, pergunta onde doi e batendo com o molhe de folhas, pronuncia algumas palavras e posteriormente chupa o local e como que retirando o mal, aperta o local com os dedos seguidas vezes, fazendo a cada apertão, um movimento de atirar longe a coisa retirada.

No final, todos juntos, abraçados e acompanhados pelas mulheres dançam por algum tempo, após o que retiram-se um de cada vez, para a mata.

Quando os Tucurrimé vêm da mata rumo a aldeia ou vice versa, passam no local onde foram construídas as vestes a este local, tratam dos homens que providenciaram as vestimentas.

O término da seção chamanística terminou por volta das 01:00 horas da manhã do dia seguinte.

Explicaram-nos que os homens vão se vestir na mata porque é lá que a alma desce e encarna-se no homem paramentado de Tucurrimé, tornando-o em pescador.

Os mortos são enterrados na roça de mandioca, sendo construído sobre a sepultura, um pequeno abrigo com folhas de jarina e madeira (foto 17) e cada sepultura conta com um abrigo ou simplesmente folhas de jarina colocaadas diretamente sobre a terra.

c) pássos paraíso sobre a aldeia

As casas da aldeia Maronaua estão colocaadas uma ao lado da outra, todas com frente para o rio (foto 9), formando

uma fileira a uma distância de dez metros do rio, ficando entre estes as casas, um comprido pátio. Em frente a algumas casas e bem próximos da margem do rio, existem pequenas casas construídas sobre o chão, para abrigar as aves durante a noite (foto 10). Há também entre as casas e o rio, alguns pés de pimenta, alguns coqueiros e uma prensa para prensar massa de mandioca e uma pequena cobertura para abrigar quem for torrar farinha.

No meio da fila de casas está a escola-igreja, construída em madeira e em frente a esta, dois pés de laranjas (foto 11).

Estes Kulina constroem pequenas abrigos nas roças mais distantes a fim de descansarem durante a jornada de trabalho e abrigar-se da chuva.

Atrás da aldeia há um campo de futebol, único local de prática de esporte.

6) Situação Sanitária

A situação médica-sanitária deste grupo Kulina é bem melhor do que a dos Kulina de Sto. Amaro, havendo entretanto, significativo número de tuberculosos, gripe, alguns surtos de sarampo, problemas dentários e verminose.

Enquanto a missão católica atuava na área, esta dava alguma assistência médica, não havia entretanto a atuação devida para os maiores males que são a tuberculose e o sarampo. Só neste mês de abril é que a FUNAI conseguiu vacinar toda a população contra estas duas terríveis doenças, bem como contra varíola.

Não há ainda visitas regulares das equipes volantes nem atendentes de enfermagem atuando constantemente na área.

As fontes de água para consumo e banho são o rio Purus e um pequeno igarapé, sendo o primeiro em frente à aldeia e o outro a cerca de 300 metros, na parte dos fundos da mesma. Este igarapé, tem água limpida e bastante pura, correndo durante todo o ano.

É mais usado entretanto no período do inverno, quando a água do Purus é muito barrenta. A água para consumo é estocada em latas e caldeirões, não recebendo nenhum tratamento.

O destino dos dejetos e do lixo é o ar livre, não havendo entretanto contato direto destes com as fontes de água.

A SUCAM visita a área uma vez por ano e o serviço médico mais próximo, porém inatingível pelos índios é em Sena Madureira.

O estado nutritivo é bastante razoável, havendo grande quantidade de roças e abundância de caça e peixe.

7) Situação Educacional

A aldeia Maronaua conta com uma casa feita em tábua e zinco, pela Missão Católica e Prefeitura de Sena Madureira. Esta casa, construída com fim única e escola, é também igreja e conta com um pequeno compartimento destinado a cozinha e estoque de material escolar.

Esta escola funcionou regularmente durante o ano passado, segundo informações dos indígenas, tendo sido paralizada quando da retirada dos missionários da área, no corrente exercício.

Esta escola conta com aproximadamente oito grandes bancos, cabendo cada um umas cinco crianças, um quadro negro, uma mesa com cadeira, alguns mapas e imagens de santos pregadas na parede.

Quase todos os homens falam bem a língua portuguesa, quarenta por cento das mulheres e cinco por cento das crianças também falam o Português. Todos falam a língua tribal e entre si só esta é utilizada.

8) Definição da Área Indígena

Dos quatro grupos Kulina por nós visitados no Acre, este foi o que mais claramente definiu a área desejada pelo grupo, bem como forneceu-nos e dispôs, sem que sugeríssimos acompanhá-los até os limites apontados. Tivemos apenas que verificar se

a área adequava às recomendações da Portaria 305/II e a alguns outros requisitos de ordem cultural. A área por elas indicada é a nº 1 do mapa sobre o alto rio Pyapí em anexo.

Deixamos de indicar no mapa as áreas de caga, pesca e coleta, por serem muitas vezes confluentes, por não haver pontos específicos para tais atividades e por dificultar a leitura do mesmo. Assim, optamos por anotar abaixo as áreas mais comumente usadas:

Área de Caga - Igarapés: Cananari, Capatáiro, Gordinho, Ipétã, Barbado, Feijão, cabeceiras de um braço do Cuchicha, Cachorro e parte do ig. Maracai, nas proximidades das cabeceiras do ig. Cachorro e Rio Purus.

Área de Pesca - Rio Purus, proximidades das desembocaduras dos igarapés: Cananari, Capatáiro, Gordinho, Feijão, Barbado, Cachorro e o lago próximo ao último aguado.

Área de Coleta - Margem do rio Purus, desembocadura dos igarapés: Capatáiro, Gordinho, Cachorro e Camarão.

Sugestões de ação

Universas medidas são necessárias ao bem estar da população indígena dessa aldeia, bem como ao cumprimento assistencial por parte da FUNAI. Desta medida, algumas são urgentes.

Urgentes ou imediatas

- Designação de um profissional;
- Designação de um elemento de caçador;
- Proporizar uma ilha aos índios para aquinhantage de um caititu e turnos para fabricação de farinha, uma vez que os canhudos já perderam grande parte da sua terra plantada;

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 64 -

- Construção de duas casas, estilo regional para o atendente e para o professor;

Não iniciadas pelo próprio caráter mais demorado e sua afetação.

- Projeto de Desenvolvimento Comunitário
- Construções do campo de pouco;
- Instalação da fonia;
- Instalação de um armazém.